

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
11 e 18 de Dezembro de 2023
DJIBRIL DIOP MAMBÉTY – CAVALGAR O VENTO

LE FRANC / 1994
da série “Histoires de Petites Gens”

Argumento: Djibril Diop Mambéty / *Diretor de fotografia (35 mm, cor) e montagem:* Stephan Oriach / *Música:* Madieye Massamba Dieye, Issa Cissoko, Moussa Ndiaye e Amina Fall (a canção “In the Morning”) / *Som:* Alioune Mbow / *Interpretação:* Madieye Massamba Dieye, Aminata Fall, Demba Bâ
Produção: Maag Dan (Dakar), Scolopendre Productions (Paris), Waka Films (Zurique) / *Cópia:* do Institut de France (Paris), dcp (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas em português / *Duração:* 45 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Locarno, Agosto de 1994 / *Estreia em Portugal:* Cinemateca Portuguesa, 9 de Novembro de 1995, no âmbito do ciclo “Cinemas de África”.

LA PETITE VENDEUSE DE SOLEIL / 1999
da série “Histoires de Petites Gens”

Argumento: Djibril Diop Mambéty / *Diretor de fotografia (35 mm, cor):* Jacques Besse / *Música:* Wasis Diop; um canto religioso tradicional por Dieynaba Laam / *Montagem:* Sarah Taouss-Matton / *Som:* Alioune M’Bow (gravação), Massimo Pellegrini (misturas) / *Interpretação:* Lissa Baléra, Taïrou M’Baye, Oumou Samb, Moussa Baldé, Dieynaba Laam, Martin N’Gom
Produção: Maag Dan (Dakar), Scolopendre Productions (Paris), Waka Films (Zurique) / *Cópia:* do Institut de France (Paris), dcp (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas em português / *Duração:* 45 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Roterdão, 1 de Fevereiro de 1999 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

Filmes de Djibril Diop Mambéty

Estes dois filmes, que fecham a obra de Djibril Diop Mambéty, formam um díptico e deveriam ter sido completados por um terceiro capítulo de modo a formar um tríptico, “**História de um pequeno ladrão**” sobre um rapazito que rouba dinheiro à avó para comprar rebuçados. A morte não deixou que Djibril Diop Mambéty realizasse este terceiro episódio, como não deixou que montasse **La Petite Vendeuse de Soleil**, que foi estreado no Festival de Roterdão sete meses depois do seu falecimento. Mambéty concebeu este inacabado tríptico como uma homenagem às *petites gens*, as pessoas comuns, especialmente as crianças, que “*são importantes porque são as únicas pessoas consistentes. Nunca terão contas bancárias. Para elas, cada dia apresenta questões de sobrevivência. São pessoas francas*”, observa este profundo conhecedor das ruas de Dakar. Embora tenha conseguido emergir de vinte anos de silêncio e deriva ao realizar **Hyènes**, Mambéty não saiu ileso deste período, como se pode notar pela nítida transformação do seu estilo de realização neste filme em relação a **Badou Boy** e **Touki Bouki**. Ao encetar as suas **Histórias das Pessoas Comuns** este metafórico ferido de guerra optou por um cinema mais simples e direto do que aqueles que fizera até então, em filmes que têm inegavelmente algo de testamentário, pois durante pelo menos parte da realização deles o realizador tinha consciência de que a contagem regressiva rumo à morte começara. Além da fadiga, ao cabo de vinte anos de deriva, outro motivo para a simplificação do seu estilo talvez tenha sido a vontade de ser acessível a espectadores semelhantes aos personagens que mostra. Como **Hyènes**, estes filmes foram co-produzidos com a Europa (Suíça e França), o que Mambéty recusara na primeira parte da sua carreira e que teve de aceitar ao ressuscitar para o cinema ao cabo de vinte anos de silêncio. É sem dúvida por isso que a primeira coisa que lemos na tela é “*Silvia Voser apresenta*”, antes do título do filme ou do nome do realizador, o que mostra o que é a noção de hierarquia dos co-produtores europeus.

Le Franc é ao mesmo tempo uma vinheta burlesca com um fluxo rítmico quase musical e um dedo a apontar implacavelmente para as sequelas da colonização, num momento em que a

euforia e o otimismo dos anos que se seguiram à independência do Senegal se tinham dissipado por completo. Em Janeiro de 1994, sem aviso prévio, o Franco CFA, a moeda das antigas colónias francesas, foi desvalorizado em cinquenta por cento, do dia para a noite, sem que os Estados africanos tivessem a menor influência sobre a decisão, cujas consequências foram dramáticas. O filme foi realizado logo a seguir a esta catástrofe e o seu protagonista, que podemos considerar como o mesmo personagem de **Badou Boy** vinte e cinco depois, ganha o grande prémio na lotaria, porém um prémio que tem a metade do valor que deveria ter tido. O sentido da história não poderia ser mais claro e esta escolha narrativa é típica da recusa de Djibril Diop Mambéty em vociferar ou propor soluções ao abordar as relações de poder social: ao invés de fazer uma diatribe sobre a situação, conta uma pequena fábula bem-humorada, mas que contém no seu bojo o drama de milhões de pessoas. Neste filme Mambéty reata com a veia de **Badou Boy**, embora do ponto de vista formal os filmes sejam inteiramente diferentes (um é centrífugo, o outro é centrípeto, um rodopia, o outro avança a passo) e mostra-nos um personagem quase tão desastrado quanto Laurel e Hardy, vivendo uma situação que poderia ter ocorrido num filme daquela dupla: o homem percorre as ruas da cidade levando às costas uma porta onde está - demasiado bem colado - o bilhete premiado. Numa referência pessoal, o bilhete está escondido atrás de um cartaz com a foto de um homem chamado Yadikoone, ídolo da infância de Mambéty, um homem das ruas que obrigava as salas de cinema a deixarem entrar as crianças pobres, entre as quais Djibril Diop Mambéty, que dizia: *“devo-lhe o facto de ser cineasta”*. A imaginação cinematográfica do realizador continua aguda neste epílogo do seu percurso: no genérico há uma brilhante ideia: o *raccord* sonoro, a fusão, de um solo de saxofone e do chamado para a prece por um muezim, insólita mistura sonora que justapõe este mundo e o “outro”. E o seu sentido de observação também continua agudo, pois o autocarro em que o homem percorre Dakar tem um nome e este nome é a expressão *graças a Deus* em árabe, a língua da religião predominante no Senegal. O desenlace é um inesperado *happy ending* e o plano final mostra o mar, que leva e traz.

Se **Le Franc** é uma obra de fantasia, em **La Petite Vendeuse de Soleil** Djibril Diop Mambéty mantém-se colado à mais prosaica realidade, a das crianças que têm de trabalhar para garantir o seu sustento e o genérico de fim especifica que o filme é *“um hino à coragem”* destas crianças, de quem ele dizia: *“quero que sejam pessoas francas e não pessoas com francos”*. Este é o seu filme mais singelo e também o único que comove o espectador, ao passo que os demais suscitam outro tipo de reações. O título é um trocadilho com a palavra *soleil*, que designa o sol, mas também é o título do jornal que a jovem protagonista vende nas ruas, gritando *soleil, soleil* e transmitindo ao espectador os dois sentidos do termo, o mais limitado e o mais vasto, um simples jornal e a vida, o calor, a luz. Há mais uma alusão a Yadikoone, que quarenta anos antes fora o protetor de crianças semelhantes às que vemos. E há nada menos de duas alusões à situação económica mostrada em **Le Franc**, quando vemos a primeira página do jornal que anuncia uma segunda desvalorização do Franco CFA e quando ficamos a saber que o Senegal saiu da zona monetária do franco. Dois breves e discretos planos que são suficientes para contextualizar aquilo que vemos. Como de costume, Djibril Mambéty mostra variadas partes de Dakar, ricas e pobres, onde pinça os seus personagens, que são frutos da sua longa observação. Insere breves interlúdios, que podem ser cómicos (a compra do guarda-sol) ou lúdicos, como a breve sequência musical em plena rua, durante o espaço de uma canção. Como em **Badou Boy**, a história não tem desenlace, vai continuar depois da palavra *fim*, mas para o plano final Mambéty afasta-se do realismo que caracteriza o filme. A protagonista e o seu protetor entram no hall de um edifício, bastante luminoso, os rapazes ali presentes abrem alas e eles dirigem-se para a luz, enquanto a cansada voz do realizador diz em *off* que *“este conto foi atirado ao mar”* (para chegar a nós, se chegar e quando chegar) e a criança pronuncia uma frase que parece (e talvez seja) saída de um conto popular ou de um jogo infantil: *“O primeiro a respirar vai para o céu”*. Este apaziguado plano final do último filme de Djibril Diop Mambéty manifesta mais uma vez a veia poética do seu cinema e a beleza com que os seus filmes são enunciados.

Antonio Rodrigues